AS MUITAS MARIAS DE KENNYA SILVA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER, GÊNERO, TRABALHO, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA NA POESIA CONTEMPORÂNEA

Marilza Pires Correia Silva[1]
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-8453-0245
Endereço eletrônico: marilzapcs@gmail.com

Palavras-chave: representações sociais; gênero; territorialidade; literatura feminina; mulher rural.

INTRODUÇÃO

A literatura constitui um importante espaço de produção de sentidos e representações sociais, especialmente quando se trata de produções de autoria feminina que evidenciam experiências historicamente marcadas por invisibilização e desigualdades. Nesse contexto, os poemas “Uma Maria Quarquê” e “Maria”[2], de Kennya Silva[3], apresentam-se como expressões poéticas que articulam questões relacionadas ao gênero, trabalho, territorialidade e resistência.

A pesquisa fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978), articulada aos estudos de gênero (Scott, 1995), à noção de violência simbólica (Bourdieu, 2002), às discussões sobre lugar de fala (Ribeiro, 2017) e às contribuições de Raffestin (1993) e Haesbaert (2014) acerca das territorialidades. Nesse sentido, questiona-se: de que maneira os poemas de Kennya Silva constroem representações sociais da mulher e como estas se relacionam com gênero, trabalho, territorialidade e resistência?

[1] Mestranda em Direito pelo PPGD UEBAs - Bolsista Institucional UESB.

[2] O título "Maria" foi atribuído pela autora deste trabalho exclusivamente para fins de identificação e referência ao poema analisado, uma vez que o texto foi localizado sem indicação expressa de título nas fontes consultadas. Tal denominação não pretende atribuir ou alterar a autoria ou a nomenclatura original da obra.

[3] Kennya Silva é o pseudônimo literário de Gracivan da Silva Santos Pereira, trabalhadora rural, poetisa e educadora residente em Xinguara, Pará. Graduada em Letras, Pedagogia e Filosofia, é autora do poema "Uma Maria Quarquê", vencedor do concurso "Vozes, Imagens, Histórias e Experiências das Mulheres Rurais", realizado em 2017 no âmbito da campanha Mulheres Rurais, Mulheres com Direitos. As informações biográficas foram extraídas da III Antologia da Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará (AESSP) e de reportagem publicada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Assim, o estudo objetiva analisar as representações sociais da mulher presentes nos poemas “Uma Maria Quarquê” e “Maria”, identificando elementos de trabalho, pertencimento territorial, violência simbólica e resistência feminina. A escolha do corpus justifica-se pela relevância social e cultural das produções analisadas, especialmente do poema *Uma Maria Quarquê*, vencedor do concurso "Vozes, Imagens, Histórias e Experiências das Mulheres Rurais", promovido no âmbito da campanha internacional *Mulheres Rurais, Mulheres com Direitos*, bem como pela valorização de uma produção poética contemporânea ainda pouco explorada academicamente.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, tendo como corpus os poemas “Uma Maria Quarquê” e “Maria”, de Kennya Silva, divulgados em reportagem institucional do Ministério da Agricultura e Pecuária sobre a trajetória da autora e sua atuação em defesa das mulheres rurais. A análise fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978), articulada aos estudos de gênero (Scott, 1995), à violência simbólica (Bourdieu, 2002) e às discussões sobre territorialidades (Raffestin, 1993; Haesbaert, 2014).

O procedimento consistiu na leitura integral e interpretação temática do corpus, utilizando como categorias analíticas territorialidade, gênero, trabalho feminino, violência simbólica, representações sociais, oralidade e resistência, mobilizadas de forma transversal conforme os sentidos emergentes nos poemas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Moscovici (1978), as representações sociais são formas de conhecimento compartilhado que orientam a interpretação da realidade. Nos poemas analisados, a figura da “Maria” ultrapassa a individualidade e assume dimensão coletiva, condensando experiências de trabalho, cuidado, maternidade e resistência. A repetição de expressões como “Eu sô uma Maria quarqué” e “Maria que…” transforma a personagem em representação simbólica de múltiplas mulheres, produzindo uma identidade coletiva.

Os processos de objetivação e ancoragem podem ser identificados na transformação de experiências femininas em imagens do cotidiano rural. No verso “acorda cedin, faz o bolo i

o café... qui sustenta o Brasí di pé" (Silva, 2017), o trabalho doméstico e agrícola é convertido em elemento concreto da vida social. Esse movimento não apenas representa a rotina feminina, mas também atribui valor social a práticas frequentemente invisibilizadas, evidenciando sua centralidade na reprodução da vida.

A dimensão territorial também se destaca na construção da identidade da "Maria". Para Raffestin (1993), o território é resultado de relações sociais e apropriações simbólicas do espaço. Nos poemas, o espaço rural não aparece como cenário neutro, mas como lugar de pertencimento e identidade. A afirmação "é aqui no mato qui tenho felicidade" (Silva, 2017) tensiona representações hegemônicas que associam o campo ao atraso, aproximando-se da ideia de territorialidades construídas por sujeitos historicamente marginalizados (Haesbaert, 2014).

No campo das relações de gênero, Scott (1995) compreende o gênero como categoria constitutiva das relações de poder. Nos poemas, a centralidade do trabalho feminino revela sua importância social, ao mesmo tempo em que evidencia sua naturalização. Essa dinâmica pode ser compreendida à luz da violência simbólica de Bourdieu (2002), na qual formas de dominação se tornam legítimas por serem percebidas como naturais. Isso se manifesta em versos como "não dorme, não come, não sorri, mas espera" e "nem sempre por prazer, proporciona prazer" (Silva, 2017), que evidenciam a sobrecarga física e afetiva atribuída às mulheres.

Entretanto, os poemas também apresentam deslocamentos significativos. Conforme Ribeiro (2017), o reconhecimento de experiências historicamente silenciadas possibilita a emergência de novos lugares de fala. Nesse sentido, a afirmação de que "Maria que não precisa ser Maria homem, Maria João ou Maria José" e "escolhe por amor e não por dependência" (Silva, 2017) indica uma ruptura com representações patriarcais, introduzindo a possibilidade de autonomia feminina.

A linguagem utilizada em *Uma Maria Quarquê* também possui função central nesse processo. As marcas de oralidade rural, como "qui vivi na roça" e "cum orguio", não indicam deficiência linguística, mas funcionam como estratégia de valorização identitária. Essa escolha rompe com hierarquias linguísticas historicamente estabelecidas e legitima a fala das mulheres do campo como forma de expressão cultural.

Por fim, o verso "Que ser Maria por si só já é o bastante" (Silva, 2017) sintetiza a

construção poética ao afirmar a existência da mulher como valor em si mesma. Nesse sentido, os poemas evidenciam que as representações sociais não são estruturas fixas, mas construções dinâmicas, atravessadas por disputas simbólicas e processos de ressignificação.

CONCLUSÕES

A análise dos poemas “Uma Maria Quarquê” e “Maria” permitiu compreender como Kennya Silva constrói representações sociais da mulher a partir de experiências vinculadas ao trabalho, ao cuidado, à maternidade, à fé e ao pertencimento territorial. A figura da “Maria” emerge como símbolo coletivo capaz de condensar vivências compartilhadas por inúmeras mulheres, especialmente aquelas inseridas em contextos rurais.

Os resultados evidenciaram que a autora confere visibilidade a atividades frequentemente naturalizadas e invisibilizadas, ao mesmo tempo em que ressignifica o espaço rural como território de identidade, pertencimento e resistência. Além disso, verificou-se a presença de mecanismos de violência simbólica associados à sobrecarga feminina, bem como movimentos de afirmação da autonomia das mulheres representadas.

Conclui-se que a poesia de Kennya Silva constitui um importante espaço de produção de sentidos sobre o feminino, contribuindo para a valorização das experiências das mulheres rurais e para a problematização de relações de gênero historicamente marcadas pela desigualdade. Como limitação da pesquisa, destaca-se a análise de um corpus reduzido, composto por apenas duas produções poéticas da autora, o que não impede, contudo, a identificação de elementos significativos para futuras investigações sobre literatura, gênero e representações sociais.

REFERÊNCIAS

III Antologia da AESSP. Marabá: AESSP, 2021. Disponível em: <https://mapacultural.pa.gov.br/files/project/2315/iii-antologia-da-aessp-ebook.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2026.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de

Janeiro: Zahar, 1978.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Kennya. In: BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Graduada em Letras, produtora do Pará traduz em poesia a vida de mulheres rurais**. Brasília, 16 abr. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/2022/produtora-rural-do-interior-do-para-traduz-em-poesia-os-desafios-das-mulheres-rurais>. Acesso em: 15 jun. 2026.